

Cadernos de Estudo:
Publicação do Programa de Pós-Graduação em História

Nº 1 - **A habitação em Porto Alegre: problemas e projetos administrativos (1897/1937)**
Margaret Marchiori Bakos - nov. 1988

Nº 2 - **A burguesia no Brasil: da sombra para a luz**
Sandra Jatahy Pesavento - nov. 1988

Nº 3 - **Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana**
Sílvia Regina Ferraz Petersen - maio 1991

Nº 4 - **Historiografia brasileira contemporânea e a tese da lusitanidade de Moysés Vellinho**
Ieda Gutfreind - maio 1991

Nº 5 - **Brasil-eleições presidenciais 89: Collor e Lula na batalha pelo voto**
Céli Regina Jardim Pinto - maio 1991

Nº 6 - **A resistência escrava no Rio Grande do Sul**
Helga Iracema Landgraf Piccolo - out. 1992

Nº 7 - **Pesquisas recentes em história social: índios e negros no rio da Prata**
Eduardo Neumann e Marco Antônio Lírio de Mello - dez. 1993

Nº 8 - **Três leituras na história do Rio Grande do Sul: anarquismo, coronelismo e atitudes religiosas**
Adhemar Lourenço Jr., Cláudio Pereira Elmir e Fábio Kuhn - dez. 1993

Nº 9 - **Dois ensaios sobre o carnaval e sociedade no Rio Grande do Sul**
Álvaro Barreto e Magda Roswita Gans - dez. 1994

Nº 10 - **Contribuições recentes ao estudo das temáticas: Institucionalização da loucura, gênero biográfico, crimes de sedução, política e indústria de energia elétrica**
Alexandre Schiavone/Benito Schmidt/Elisabete Leal/Gunter Axt - dez. 1994

Nº 11 - **As relações do Brasil com o Prata**
Eduardo Munoz Svartman/Eliane Zabiela - dez. 1995

Nº 12 - **Práticas e representações**
Benito Bisso Schmidt/Fábio Kuhn/José Martinho R. Remedi - dez. 1995

Nº 13 - **O uso das fontes: a bibliografia acadêmica, o jornal e o documento oficial na pesquisa histórica.**
Elisabete Leal e Miriam S. Vieira/Claúdio Pereira Elmir/Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos - dez. 1995

Nº 14 - **Representações e imaginário**
Márcia Espig/Miriam Rossini/Carla Rodoghero - dez. 1996

Nº 15 - **História política e movimento operário**
Fernando Blanco/Álvaro Barreto/Ricardo Pacheco - dez. 1996

p. registro. 1352773
maria Beatriz Borba Florenzano

DEDALUS - Acervo - MAE



21600008271

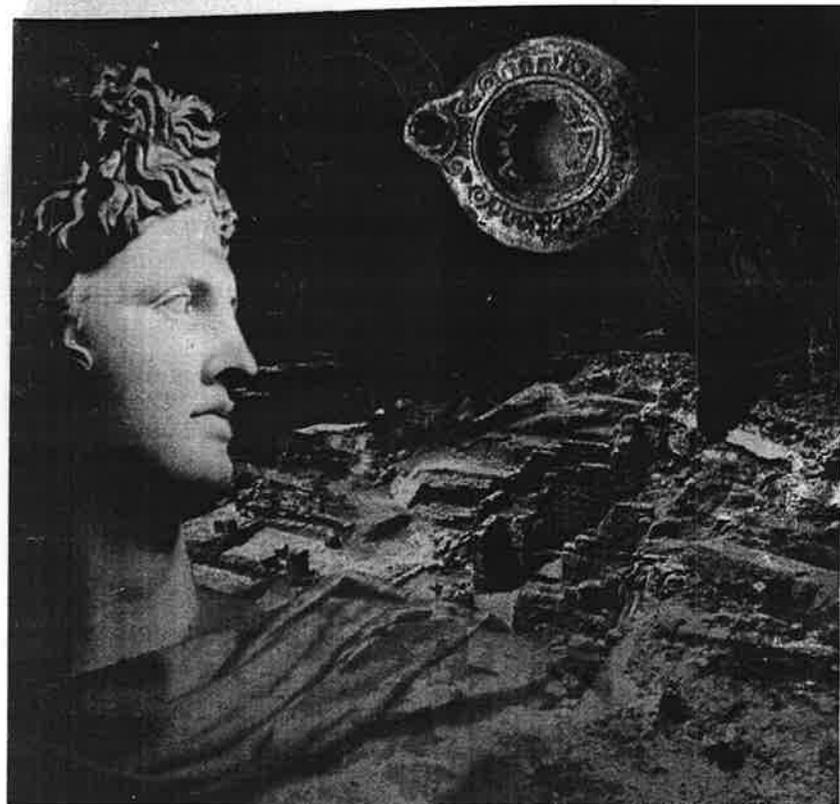
ANOS 90 • Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS • n. 17 - julho 2003

ISSN 0104-236X

2003.
PMBBF/50

anos 90

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



História Antiga e Arqueologia
Dossiê Projeto Apollonia

Universidade
Federal
do Rio Grande
do Sul

Francisco Marshall
Organizador

Anos 90 - Porto Alegre - n.17 - julho 2003

Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
BIBLIOTECA

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA E CIÊNCIAS HUMANAS*

Maria Beatriz Borba Florenzano

A Arqueologia Clássica tem sido tradicionalmente classificada como uma disciplina histórica. Se por um lado, a pré-história tem sua origem no desenvolvimento das assim chamadas “ciências da terra” – a geologia –, a Arqueologia Clássica nasceu a partir de um interesse antiquário por objetos, coisas, monumentos em geral; interesse antiquário que de modo geral se faz remontar ao Renascimento, mas que se quisermos é possível detectar desde o período helenístico (a partir do século III a.C.) na criação de Bibliotecas e Museus em associação com as cortes dos monarcas sucessores de Alexandre Magno. A partir desse interesse antiquário também, vem o vínculo da Arqueologia Clássica com a História dos estilos e expressões artísticas, vale dizer com a História da Arte.

A própria natureza da documentação material remanescente, seja pela quantidade, seja pela qualidade técnica, seja ainda pelo modo como os antigos gregos e romanos utilizaram os mais diferentes tipos de suportes para a veiculação de imagens, direcionou o interesse da Arqueologia Clássica para os objetos individualizados (Bianchi Bandinelli, s.v. *Archeologia Enciclopedia dell'Arte Antica*).

Como uma faceta da História da Arte, a Arqueologia Clássica durante o seu desenvolvimento, andou muito mais de mãos dadas com a História do que com qualquer outra disciplina das Humanidades, incluindo-se aí tanto a Pré-História quanto a Antropologia. E, neste sentido, é que a questão das fontes primárias para o estudo do passado do Homem é o que primeiro se coloca. Tradicionalmente, a história dos gregos e dos romanos foi escrita – e em grande medida continua assim – fundamentada nos textos antigos, em latim ou em grego. Ora, a Arqueologia ao

Maria Beatriz Borba Florenzano. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no MAE/USP como aula no concurso de livre-docência em 2000. O texto foi atualizado e algumas modificações foram introduzidas, o tom coloquial, entretanto, foi mantido. Agradeço à minha companheira de trabalho Elaine Hirata a leitura e comentários.

Museu de Arqueologia e Etnologia
Universidade de São Paulo
BIBLIOTECA

recuperar, por meio de escavações, os monumentos e os objetos fabricados por esses que, ao menos teoricamente, foram os autores destes textos, ofereceu sempre uma excelente ilustração para os episódios e as histórias ali narradas. E é justamente assim, como ciência ‘auxiliar’ da História – responsável pela ‘materialização’ das palavras que aparecem nos textos antigos – que a nossa disciplina apareceu e ainda aparece na maioria dos manuais de História Geral e de História Antiga em particular.

Manuais que fizeram parte da nossa formação acadêmica, como o de Charles Samaran, *L'Histoire et ses Méthodes* (1961) e o de Paul Petit, *Guide de l'étudiant en Histoire Ancienne* (1959), transmitem esse tipo de perspectiva. Mesmo o manual mais recente de Michael Crawford, *Sources for Ancient History* (1983), ainda que traga textos mais atualizados com relação à Arqueologia, à Numismática, por exemplo, em sua concepção global é tributário da mesma perspectiva que informa os manuais mais antigos de Samaran e Petit. Isto, sem nos determos em manuais do ensino secundário que moldam a visão dos escolares e consequentemente do público em geral em relação à disciplina da Arqueologia. Exemplo típico pode ser observado quando ao se apresentar o comércio antigo, este é ilustrado por meio de uma imagem de moeda como se o comércio na Antiguidade fosse efetivamente realizado com moedas, como ocorre nos dias de hoje. Ou ainda quando ao tratar da democracia ateniense aparece a imagem do *bouleuterion*, (edifício onde se reunia a *boulé*), fazendo as vezes do Senado grego.

Diretamente relacionada a esta posição, encontramos ainda entre não poucos arqueólogos clássicos e pre-historiadores também a percepção de que Arqueologia é uma disciplina técnica capaz de recuperar, descrever e classificar com objetividade documentos materiais, massa de informações a serem encaminhadas a outros especialistas como os historiadores, para interpretação. Nesta perspectiva, o documento material aparece sempre como uma complementação ou uma comprovação – conforme o caso – do que nos dizem os textos, em uma posição de completa submissão às problemáticas e hipóteses levantadas pela fonte escrita.

Diante de abordagens deste tipo, faz sentido a crítica feita pelo famoso historiador da Antiguidade, Moses Finley – muito traduzido e muito utilizado em nosso meio acadêmico –, que assim resume – digamos – a ‘utilidade’ da Arqueologia: “De que vale a prática arqueológica mesma se – com exceção de umas poucas peças de museu que às vezes se extraem dos escombros, esta não conduz a outra coisa que não seja a redação de relatórios?” (Em *Usos e Abusos da História*, p. 153). Ou ainda: “O

que é que o historiador da Antiguidade clássica devia pedir hoje à evidência arqueológica e com que grau de correção adequam os arqueólogos os seus velhos cometidos e técnicas para satisfazer a tal tipo de demanda?” (1977: 132)

Por mais antiquada que possa parecer esta posição, ela é ainda bastante arraigada em muitos setores da Arqueologia Clássica. Uma análise da programação do *International Congress of Classical Archaeology*, último congresso internacional da disciplina realizado em 1998 em Amsterdã, permite verificar que uma porcentagem alta das comunicações referiu-se a estudos tradicionais, voltados à descrição de objetos únicos ou de monumentos exclusivos e/ou de estudos classificatórios de categorias artefatuais (Hirata e Florenzano, 1998).

Alguns setores na Arqueologia Clássica, no entanto, vêm procurando definir melhor os objetivos da disciplina, valendo-se para tanto de uma perspectiva mais histórica, mais voltada para a compreensão dos processos que afetaram as sociedades clássicas, grega e romana, dos seus mecanismos de funcionamento e de transformação. Nesse sentido, como bem assinala o arqueólogo inglês Anthony Snodgrass, os objetivos finais da Arqueologia Clássica seriam muito semelhantes aos da História Antiga como disciplina (1985). Mas, como bem chama a atenção, as fontes, a metodologia e as hipóteses de trabalho são completamente diferentes. As problemáticas suscitadas pela fonte arqueológica são próprias. É preciso reconhecer, portanto, que há aspectos e temas da História para os quais a Arqueologia não pode ser usada, não oferece encaminhamentos ou respostas, e que há, por outro lado, campos da Arqueologia que estão fora do alcance do documento histórico (entenda-se escrito).

Mas a esta postura que denota uma independência da Arqueologia como disciplina e que hoje parece lógica, até banal, chegou-se apenas recentemente e ainda assim não de maneira unânime, como já mencionamos ao nos referirmos ao recente Congresso Internacional de Arqueologia. Foi necessário que a *New Archaeology* iniciasse o debate em torno da Arqueologia pré-histórica, que incomodasse até provocar alguma reação a cada um em seu gabinete, valendo-se para isso de sua característica enxurrada de conceitos, de modelos, de hipóteses, nomenclaturas, classificações¹. Foi necessária também a sensibilidade de – pelo menos – alguns arqueólogos clássicos – já que uma boa maioria sequer se preocupou em inteirar-se do que ocorria – alguns que se dispusessem sobretudo a refletir, mas também a responder aos *New Archeologists*, a

questionar, a montar projetos de pesquisa mais inventivos, a experimentar, a ler e a ensinar, a formar grupos de pesquisa.

Entre os anglófonos, sentimos as reações, entre outros, de Bruce Trigger, Colin Renfrew, do já citado Anthony Snodgrass; entre os franceses podemos mencionar o Prof. Paul Courbin², Jean Claude Gardin e Ph. Bru- neau que com a sua proposta de fazer da Arqueologia uma disciplina vol- tada para os estudos tecnológicos (1974) contribuiu sobremodo à reflexão a respeito do artefato em seu contexto. Entre os italianos temos a contri- buição importante e coesa de um grupo marxista dirigido pelo historiador da arte Ranuccio Bianchi Bandinelli, cujos expoentes mais significativos – salvo engano – são Andrea Carandini, Mario Torelli, Filippo Coarelli e, no que diz respeito aos estudos monetários, Nicola Parise.

Cito principalmente os italianos porque já na década de setenta pro- puseram uma crítica ferrenha à hierarquização das fontes primárias re- lativas à Antigüidade. Chamaram a atenção para o contexto comprometi- do da produção das fontes escritas, apontando para o fato de que as re- lações de produção (ponto de interesse básico da teoria marxista) expres- sam-se de maneira muito ‘mais autêntica’ nas séries de instrumentos de trabalhos e na análise da organização espacial dos locais de trabalho, do que em qualquer fonte escrita, comprometida com a elite dominadora. O texto de Andrea Carandini em *Archeologia e lavoro senza gloria*, in- fluenciou irremediavelmente toda uma geração de jovens arqueólogos italianos, e até alguns aqui no Brasil. O trabalho arqueológico realizado na *villa* romana escravocrata de *Settefinestre* é ainda hoje exemplo da aplicação de métodos arqueológicos na resolução de perguntas que ape- nas o documento arqueológico pode resolver (Carandini e Settis, 1979).

Diante destas novas reflexões, chega-se a pensar que o problema da Arqueologia Clássica foi o de estar sempre mais associada a um deter- minado tipo de reconstituição histórica. A uma História factual, posi- tivista e, como é difícil à Arqueologia responder às questões colocadas por esse tipo de História, sua única alternativa foi a de servir como ilus- tração do documento textual. Dai a relevância da crítica de Finley. As- sim, podemos dizer junto com Anthony Snodgrass que: “A Arqueologia grega esteve sempre casada ou a serviço do tipo errado de História”³ (Snodgrass, 1987: 37).

Repensar a formação da Arqueologia Clássica como disciplina em sua relação com as outras Ciências Humanas tem sido um caminho pro- curado a fim de responder às perguntas que a *New Archaeology* susci- tou. Logo em 1980, em um texto bastante citado, publicado no *Ameri- can Journal of Archaeology*, “The great tradition versus the great divi-

de”, o arqueólogo inglês, Colin Renfrew tentou mostrar como o que ele chamou de ‘a grande tradição’ dos estudos clássicos somada à eru- dição necessária ao controle da produção científica de mais de dois séculos e aos anos necessários à formação do especialista nesta área (conhecimento de línguas modernas e antigas, por exemplo), bloquea- va a renovação da disciplina e o acompanhamento das mudanças nas outras Ciências Humanas.

Boa parte dos demais textos que se seguiram, discutindo as pro- posições da *New Archaeology* do ponto de vista da Arqueologia Clás- sica, e uma eventual crise na Arqueologia Clássica, partiram deste texto inicial de Renfrew. Retomando suas posições, desdobrando-as, apro- fundando-as.

Nesta trilha é que Ian Morris, outro arqueólogo inglês que, porém, atua nos Estados Unidos e que tem se destacado no campo da Arqueolo- gia Clássica (foi, por exemplo, um dos convidados a abrir com uma cor- ferência o último Congresso Internacional de Arqueologia Clássica, ci- tado acima), vem investindo bastante na compreensão das origens e da formação da nossa disciplina como um meio de procurar novos cami- nhos para a sua própria renovação. De acordo com Morris (1994 e 2000), a criação da Arqueologia Clássica, na Europa dos anos de 1870, atendia necessidades e vicissitudes e condições históricas específicas. Tanto o desenvolvimento da História Antiga quanto da Arqueologia Clássica fez parte da construção da identidade dos países europeus, do ‘europeísmo’, de sorte que estes se apropriaram da tradição greco-romana como ver- dades básicas da civilização ocidental. No fundo os países europeus cons- truíram suas identidades no século XIX reivindicando o *status* de her- deiros da tradição grega e romana. Estas condições permitiram a criação do que chamamos helenismo ou classicismo. Ora, estas condições his- tóricas não estão mais presentes no mundo de hoje, ao contrário, estão se extinguindo e, portanto, Morris acredita que, na atualidade, é indis- pensável que os estudos clássicos e, em especial, a Arqueologia Clássica, se redimensionem e que encontrem seu lugar no desenvolvimento das demais Ciências Humanas.

Mas, concretamente, na prática do arqueólogo clássico, como fazer para encontrar o caminho da renovação? Identificar onde estão os problemas a partir da formação e dos caminhos seguidos pela disciplina nos últimos cem anos ou mais é um passo nessa direção, mas não é tudo. Uma das respostas tem sido a re-orientação dos estudos partindo de problemáticas estritamente vinculadas ao documento material. É evidente que, por sua natureza (com- plexidade, ambigüidade) o artefato não tem como desenvolver o seu poten-

cial se expresso na linguagem do texto. Como frequentemente, e até de forma inconsciente, muitos arqueólogos trabalham atrelados ao documento escrito, re-escrevem o discurso dos objetos no formato do texto, da escrita. A inovação deveria partir justamente da inversão de posição: a colocação de problemas específicos suscitados a partir do documento material, e das evidências providas das escavações. A articulação com o texto antigo não pode ser esquecida, ao contrário, pode e deve ser feita, mas cada documento deve ser considerado em seu próprio contexto de produção, como se se tratasse de montar um enorme quebra-cabeça em torno de uma proposta temática definida. Ao mesmo tempo em que categorias artefatuais diferentes devem estar associadas a seus contextos específicos de uso, é preciso estabelecer o elo entre as diferentes formas de expressão presentes nos artefatos em uma 'correlação'⁴ interna como diria André (1998: 164 ss.).

Um exercício magnífico de como um trabalho de análise estritamente arqueológica pode ser feito, sem desprezar o texto, ao contrário associando os problemas levantados pelo texto aos problemas levantados pelo documento material, pode ser encontrado no estudo da cerâmica geométrica do período arcaico feito por Anthony Snodgrass (1998). Neste trabalho, este autor preocupa-se em entender a produção artística no período arcaico grego, aprofunda-se na análise da articulação das representações no vasilhame cerâmico grego arcaico com o texto homérico. Renovando a aproximação entre os dois tipos de documentos – neste caso o artefato, a imagem e o texto –, abordando-os cada qual de acordo com as convenções específicas que regeram suas respectivas produções e os públicos específicos a que eram destinados, com as funções específicas que exerceram nas épocas de suas circulação na sociedade, este autor apresenta uma leitura inovadora do período arcaico grego.

Outro caminho, que vem sendo trilhado por uma parcela de arqueólogos clássicos é a técnica de campo da prospecção intensiva. O levantamento espacial intensivo de material de superfície tem se comprovado um método bastante inovador em Arqueologia Clássica. Trabalhando com a longa duração – em uma inspiração direta da Escola dos *Annales* – propõe uma abordagem regional e não local. Ao estudar amplas extensões de território, a prospecção intensiva acaba identificando no tempo as alterações dos padrões de uso agrícola da terra, as separações entre território sagrado e território dessacralizado, a organização do trabalho e da produção, o regime de propriedade, a organização dos assentamentos na terra e assim por diante (Barker, 1991). Na medida em que trabalha apenas com fragmentos de artefatos e de estruturas, e com a intensidade de sua distribuição no espaço, foge da descrição minuciosa e monográfica típica da Arqueologia

tradicional, ao mesmo tempo em que traz uma contribuição verdadeira com relação ao funcionamento das sociedades (Alcock, 1993).

A abertura do espectro temporal e espacial tem sido, com efeito, uma constante dos estudos mais inovadores em Arqueologia Clássica. Poderíamos citar ainda vários outros exemplos de estudos fundamentados no rastreamento das relações entre centro e periferia, como os trabalhos que visam às influências do centro do poder romano nas fronteiras mais orientais do Império; ou ainda entre as unidades sócio-políticas pares como os estudos a respeito do surgimento do Estado entre os etruscos ou entre os gregos. Ambas abordagens visam ao esclarecimento das transformações sociais, culturais e/ou políticas em durações temporais prolongadas e em espaços amplos (Renfrew e Cherry, 1986).

A procura de novas temáticas é ainda outro caminho procurado por esta parcela de arqueólogos clássicos preocupada em renovação. Muitas vezes, temáticas emprestadas da Antropologia, no que amplia também a associação da Arqueologia Clássica às demais Ciências Humanas. É o caso por exemplo, do tema da etnicidade. Surgido como uma preocupação moderna com a posição das minorias étnicas na sociedade contemporânea, os estudos de etnicidade em Arqueologia Clássica vêm suscitando alguns debates como o provocado pelo livro de Jonathan Hall, *Ethnic Identity in Greek Antiquity* (1997).⁵ A reflexão que esta obra propõe para o arqueólogo clássico é justamente a de compreender em que medida as diferentes etnias que supostamente povoaram a Hélade estão refletidas nas diferentes criações materiais dos gregos. A referência à helenidade e à Hélade implica necessariamente uma noção de etnia ou de etnicidade? Ainda que a identificação de uma cultura arqueológica a um determinado grupo étnico seja ainda problemática, o debate suscitado por estas questões é bastante relevante e coloca a Grécia antiga – diga-se a Arqueologia Clássica – em um novo tipo de agenda (Hall, 2001).

Na questão do encontro da Arqueologia Clássica com as demais Ciências Humanas, vale lembrar os contatos com a Antropologia e a Sociologia. Um bom exemplo é a aplicação de vários dos conceitos elaborados pela escola substantivista liderada por Karl Polanyi aos estudos da circulação de bens no Mediterrâneo, seja durante a Idade do Bronze, seja no período posterior do classicismo grego e romano. O conceito de comércio administrado, de *port of trade*, de esferas específicas de circulação de bens, são todos conceitos que vêm dando vida a uma série grande de dados arqueológicos relativos às antigas sociedades mediterrânicas do terceiro e segundo milênios recuperados tanto recentemente quanto há mais de cem anos, nas primeiras escavações na Grécia, na Ásia Me-

nor, em Creta. Neste sentido, os trabalhos publicados em obra organizada por C. Gillis, *Trade and production in premonetary Greece* (1995), são, sem dúvida, enriquecedores. Por outro lado, até mesmo os estudos numismáticos têm ganhado novos contornos ao propor uma aproximação com a Antropologia. Algumas conclusões sobre a atuação da moeda na sociedade grega arcaica e clássica revelaram que, diferentemente do que a moderna Economia prega, este instrumento de troca pode bem atuar nas relações de reciprocidade e a sua presença não significa necessariamente a presença das relações de mercado (Florenzano, 2000).

E com isto entramos em mais uma tendência que vem sendo procurada por Arqueólogos clássicos no intuito de renovar a sua disciplina: trata-se da re-manipulação de uma massa de informações já antiga, de dados obtidos em escavações e publicados em antigos inventários e relatórios, mas cuja organização e fixação possibilita atender apenas à necessidade de ilustrar uma História tradicional. Com efeito, museus e instituições responsáveis pelo patrimônio cultural dos diferentes países mediterrânicos acumulam hoje em seus magazines ou reservas uma quantidade enorme de documentos, assim como as bibliotecas possuem uma variedade incrível de publicações que relatam antigas escavações. O reaproveitamento destas informações, sob uma ótica renovada, pautada pela interdisciplinaridade e por uma preocupação em resolver os problemas de interpretação que estes dados – eles próprios – suscitam, tem, de fato, contribuído para o esclarecimento de temas novos a respeito das sociedades antigas e, portanto, para uma melhor compreensão das mesmas. Procura-se dessa forma ultrapassar a barreira do imediatismo das evidências para se chegar a uma interpretação verdadeiramente arqueológica do passado das antigas sociedades clássicas. Exemplo revelador dessa nova abordagem pode ser encontrado no trabalho de Lisa Nevett que re-interpreta à luz de novas teorias antropológicas e da aplicação de uma metodologia estatística os dados obtidos pelas escavações de Robinson realizadas no período entre guerras em Olinto, no norte da Grécia (Nevett, 1999).

Ainda que todas estas sejam tendências inovadoras no interior da Arqueologia Clássica, há ainda muito a ser feito; muito preconceito por parte dos tradicionalistas em relação às inovações a ser vencido. E há, sobretudo, a questão que afeta todas as Ciências Históricas, que é a da instrumentalização do conhecimento. Com efeito, no mundo em que vivemos, no qual as transformações são processadas com uma rapidez surpreendente, em que a comunicação e a transmissão de conhecimentos atingiu patamares que estressam até as criancinhas, para que afinal, serve o conhecimento a respeito do passado do Homem? E a Arqueologia Clássica então, que lida com um

passado remoto, com gregos e com romanos, cuja forma de vida era, em tantos aspectos, tão diferente da nossa, a que vem?

O grande historiador grego Heródoto em sua *História* nos mostra como a comparação com os outros povos, de outros lugares e de outros tempos, nos leva ao conhecimento de quem somos, de como nos organizamos, dos aspectos em que somos melhores e daqueles em que somos piores que os outros. A comparação contribui, sem dúvida, ao nosso autoconhecimento e também à construção de uma identidade própria. Por outro lado, a compreensão de nosso passado nos coloca em uma cadeia de processos históricos, tornando-nos – a cada um de nós – parte fundamental de uma engrenagem, dando-nos o sentimento de pertencimento à sociedade. Como nos ensina Carandini (1979), o enraizamento do Homem a uma realidade dada talvez seja o principal caminho da transformação e da melhoria do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOCK, S. *Graecia Capta. The Landscapes of Roman Greece*. Cambridge, 1993.
- ANDRÉN, A. *Between Artifacts and Texts: Historical Archaeology in Global Perspective*. N. York, Plenum Press, 1998.
- BARKER, G.; LLOYD, J. *Roman Landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Archaeological Monographs of the British School at Rome, 2, 1991.
- BRUNEAU, Ph. “Sur un prétendu biaisement: à propos du classement archéologique” *Annales*, 29, 1974:1475-1482.
- CARANDINI, A. *Archeologia lavoro senza gloria*. Bari, Laterza, 1978
- CARANDINI, A.; SETTIS, S. *Schiavi e padroni nella Etruria romana. La villa di Sette Finestre dallo scavo alla mostra*. Bari, De Donato, 1979.
- COURBIN, P. *Qu'est-ce que c'est l'Archéologie? Essai sur la nature de la recherche archéologique*. Paris, Payot, 1982.
- CRAWFORD, M.M. *Sources for Ancient History*. Cambridge University Press, 1985
- FLORENZANO, M.B.B. *Entre Reciprocidade e Mercado: a moeda na Grécia antiga*. Tese de Livre docência em Arqueologia Clássica apresentada ao MAE/USP, 2000.
- GARDIN J-C. *Archaeological Constructs: an aspect of theoretical Archaeology*. Cambridge University Press, 1980.
- HALL, J. M. “Quem eram os gregos?” *RevMAE*, 11, 2001.

- _____. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge University Press, 1997.
- HIRATA, E.F.V. e FLORENZANO, M.B.B. "XV Congresso Internacional de Arqueologia Clássica. Universidade de Amsterdã" *RevMAE*, 8, 1998: 332-333.
- MORRIS, I. "Archaeologies of Greece". in Ian Morris (ed.) *Classical Greece. Ancient histories and modern archaeologies*. Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Archaeology as cultural History. Words and things in Iron Age Greece*. Londres, Blakewell, 2000.
- NEVETT, L.C. *House and Society in the Ancient Greek World*, Cambridge, 1999.
- RENFREW, C. "The Great Tradition versus the Great Divide" *AJA*, 84, 1980: 287-298.
- SNODGRASS, A. "Archaeology" em Crawford, M.M. *Sources of Ancient History*. Cambridge University Press, 1985.
- _____. *An Archaeology of Greece. The present state and future scope of a discipline*. University of California Press, 1987.
- _____. *Homer and the Artists. Text and Picture in Early Greek Art*. Cambridge University Press, 1998.
- TRIGGER, B. *History of Archaeological Thought*. Cambridge University Press, 1989.

NOTAS

1. Uma das primeiras coletâneas de textos em que aparecem as propostas iniciais da *New Archaeology* é aquela organizada por Lewis Binford *New Perspectives in Archaeology*, 1968. A quantidade de obras que se seguiram é enorme e os leitores podem conhecê-las melhor em Bruce Trigger, 1989: e ss.
2. O Prof. Paul Courbin foi responsável pela formação de alguns dos nossos mais renomados arqueólogos. Esteve inclusive no Brasil, na Universidade de São Paulo, na década de 1970, quando ministrou uma disciplina de pós-graduação.
3. "Greek Archaeology at any rate has been married to or waiting on, the wrong kind of history"
4. Para Andrén, a correlação é a procura por estruturas similares ou padrões em artefatos e em textos. A correlação diz assim respeito mais a conceitos modernos analíticos como por ex. economia; isto pode ser estudado por meio da comparação de diferentes expressões em artefatos e em textos que possam ser consideradas econômicas.
5. Um dos debates a respeito deste livro foi publicado no *Cambridge Archaeological Journal*, 8/2, 1998: 265-283 e teve a participação de Colin Renfrew, Ian Morris, Sarah Morris, Siân Jones e Roger Just

DISCIPLINA, RACIONALIDADE Y MILITARISMO ROMANO. CLAVES PARA COMPRENDER ELEMENTOS CLÁSICOS EN LA CULTURA LATINOAMERICANA

Cecilia Ames

RESUMEN

"Disciplina, racionalidad y militarismo romano" abren un espacio de reflexión que nos lleva directamente al tema de la cultura romana y su recepción moderna. Numerosos trabajos de sociólogos e historiadores, entre ellos los de Weber, Foucault y Eliás, han mostrado la importancia de estos elementos clásicos para comprender la génesis y el desarrollo de la cultura moderna.

En esta línea de análisis y partiendo de la comprensión de estos conceptos claves en el *De bello gallico* de Julio Cesar, podemos precisar aspectos de la recepción de su discurso.

A partir de allí, y apuntando a la recepción latinoamericana, podemos reconocer elementos importantes y polémicos de nuestra propia cultura que se iluminan y aclaran de un modo especial cuando tenemos presente el paradigma romano.

El tema "La Cultura Clásica en América Latina" constituye, sin duda, una oportunidad para reflexionar sobre el lugar que ocupan los Estudios Clásicos en nuestra formación y en las discusiones actuales dentro del ámbito de las ciencias humanas, tanto históricas como sociales. Sin duda que en este momento, cuando se están cuestionando los planes de estudios de las carreras humanísticas y, ante el desprestigio y desinterés por estos estudios que observamos en nuestras universidades, resulta oportuno repensar qué espacio ocupan los Estudios Clásicos en general -y romanos en particular - y en qué medida este campo discipli-

Cecilia Ames. Universidad Nacional de Córdoba - CONICET.